

CEDI

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estado de São Paulo Class.: 14Data: 30/09/75Pg.: \_\_\_\_\_

## Iminente o ataque dos guajajaras

Do correspondente em  
**SÃO LUIS**

Um choque armado poderá envolver, hoje, os dois mil índios guajajaras do posto Indígena de Angicos Torto e as 240 famílias residentes no povoado de Marajá, apoiadas por cinco mil moradores do povoado de Arame, no município maranhense de Grajaú. É que hoje expira o novo prazo de permanência dos lavradores nas terras dos índios e os moradores de Marajá recusam-se terminantemente a abandonar suas roças.

Fortemente armados, com revólveres, rifles e espingardas de grosso calibre, eles se mostram dispostos a tudo, liderados pelo pastor adventista Manoel Moraes da Silva, que estimula a reação. A Funai já providenciou a retirada de três mil pessoas dos povoados de Capim Queimado, Tarrafa, Santo Antônio, Sucuriú, Jacaré e Sapucaia. Mas os lavradores de Marajá alegam que não têm para onde ir e o próprio governo do Estado não dispõe de terras da Comarca — Companhia Maranhense de Colonização — para socorrer a todos. Ao mesmo tempo, o prefeito local, mostra-se alheio ao problema e admite que não é de sua competência a solução.

Até ontem, à medida que as famílias invasoras iam se retirando, os índios queimavam as casas, para evitar que os brancos voltarem um dia a ocupá-las. Mais de 60 casas haviam sido queimadas.

A história dos conflitos entre brancos e índios na região tem menos de dez anos. No local onde existe hoje o povoado de Arame havia uma aldeia guajajara. Naquela época não havia estrada. Os civilizados iam chegando e explorando a caça; matavam os animais e vendiam a pele. Aos poucos o número de caçadores foi crescendo e logo surgiram as primeiras roças, com a ocupação das terras, e os índios tiveram de se refilar. Com a necessidade de escoamento da produção, foi construída uma estrada e as terras se valorizaram, atraiendo a cobiça dos aventureiros brancos. A situação se agravou quando foi construída pelo Estado a rodovia que liga Grajaú a Santa Luzia, passando por Arame.

Arame, hoje, não pertence à reserva da Funai: é considerada terra devoluta. Mas com a retração dos índios, os civilizados foram avançando e surgiu o povoado de Marajá, principal foco de litígios entre brancos e índios. Hoje há oito mil pessoas trabalhando em terras dos guajajaras. Há alguns meses, o prefeito de Grajaú, Alfredo Falcão, sugeriu a permuta da área considerada crítica — onde se encontra o posto de Canabrava — por outra pertencente ao município, mas a Funai não aceitou a proposta, pois considera inconveniente a permanência de brancos entre os índios. E é sobre o problema de Canabrava que a Funai diz que vai se concentrar, a partir de outubro, "após a retirada da população de Marajá", que teoricamente começa e termina hoje.